

Exercício de tradução do português para o italiano da crônica *Mineirinho*, de Clarice Lispector

Cláudia Valéria Arantes Lopes
Università degli Studi Guglielmo Marconi
lopes.translations@gmail.com

RESUMO: Embora não seja uma prática usual, o presente ensaio traz soluções e compensações que um tradutor de língua materna português brasileiro encontra ao verter para o italiano a crônica “*Mineirinho*”, de autoria de Clarice Lispector, inspirado na morte do inimigo público número um da polícia nos anos 60, chamado José Rosa de Miranda, o *Mineirinho*. Considerando a natureza do texto, tentou-se transpor para a língua italiana estranhamentos típicos da sintaxe de Clarice Lispector, com resultado que julgamos satisfatório. Além disso, para ilustrar algumas das soluções encontradas, serão destacados trechos em que ambas as traduções divergem.

Palavras-chave: Clarice Lispector. Traduções comparadas. Traduzir para língua não materna. Contexto social como instrumento de tradução. Tarefa do tradutor.

ABSTRACT: Nonostante non sia una pratica usuale, questo saggio propone soluzioni e compensi che un traduttore, madrelingua portoghese brasiliano, trova nel tradurre in italiano la cronaca, scritta da Clarice Lispector, ispirata alla morte del nemico pubblico numero uno della polizia negli anni 60' chiamato José Rosa de Miranda, *o Mineirinho*. Considerata la natura del testo, si è cercato di trasporre alla lingua italiana straniamenti tipici della sintassi di Clarice Lispector, con un risultato che riteniamo soddisfacente. Inoltre, al fine di illustrare alcune delle soluzioni riscontrate, verranno evidenziati stralci in cui entrambe le traduzioni divergono.

Parole chiave: Clarice Lispector. Traduzioni a confronto. Tradurre in una lingua non nativa. Contesto sociale come strumento di traduzione. Compito del traduttore.

ABSTRACT: Although it is not a usual practice, this essay brings solutions and compensations that a Brazilian Portuguese mother-tongue translator finds when translating into Italian the chronicle “*Mineirinho*”, by Clarice Lispector, inspired by the death of public enemy number one of the police in the 60s, called José Rosa de Miranda, *o Mineirinho*. Considering the nature of the text, an attempt was made to transpose typical estrangements of Clarice Lispector's syntax to the Italian language, with a result that we consider satisfactory. In

addition, in order to illustrate some of the solutions found, excerpts in which there are divergences between a previous translation and the one proposed will be highlighted.

Keywords: Clarice Lispector. Compared translations. Translating into non-native language. Social context as a translation tool. Translator's task.

1. Introdução

A ideia de verter para o italiano um texto de Clarice Lispector nasceu a partir de uma entrevista, realizada pela TV Cultura, no programa Panorama, em 1977. Dentre muitas questões levantadas pelo entrevistador, figura *Mineirinho*, uma crônica inspirada na morte do inimigo público número um da polícia nos anos 60, chamado José Rosa de Miranda. O criminoso foi encontrado morto na estrada Grajau-Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, com 13 tiros de metralhadora em várias partes do corpo, e uma medalha de São Jorge no peito. O ocorrido provocou uma imensa revolta na escritora, conhecida por produzir textos cujos temas centrais são o cotidiano, as mulheres, a maternidade, a casa, os filhos, tudo isso lançando mão de uma gramática e sintaxe inovadoras para a sua época.

Em *Mineirinho*, percebemos, para a nossa surpresa, uma Clarice claramente revoltada, com o ocorrido com *Mineirinho*, e crítica do papel da polícia como tutora da segurança pública. Segundo a autora, qualquer que tivesse sido o crime dele, uma bala bastava; o resto era vontade de matar, era prepotência. Todavia, quando questionada pelo entrevistador sobre em que medida o seu trabalho, no caso específico de *Mineirinho*, podia alterar a ordem das coisas, ela respondeu: “Não altera em nada, eu escrevo sem esperança de que o que escrevo altere qualquer coisa. (...) No fundo, a gente não está querendo alterar as coisas, a gente quer desabrochar de um modo ou de outro.” Tal declaração deixa claro que nem sempre é fácil para um tradutor entender qual é o real enfoque ou intenção de um escritor, ou seja:

é impossível se ter acesso ao sentido único de um original, mesmo que exista de fato um texto único (...), já que os textos admitem múltiplas leituras; tampouco se pode ter acesso à intenção do autor ao escrever o texto – aliás, o autor pode ter sido movido por impulsos inconscientes, e por isso ele próprio pode não saber qual a sua intenção” (BRITTO, 2016, p. 24).

Logo, levando em consideração a natureza *sui generis* da crônica em questão, o exercício de tradução proposto tem como objetivo confrontar o texto original em português, a tradução ora proposta e a tradução já existente feita pelo professor e tradutor italiano Roberto Francavilla, dando ênfase, sobretudo, a alguns trechos em que ambas as traduções mencionadas divergem. Obviamente, tal empresa não é das mais simples, pois não é usual que um tradutor verta textos para uma língua que não é a sua língua materna. Entretanto, no caso específico de *Mineirinho*, todas as vezes em que nos deparamos com estranhamentos típicos da sintaxe de Clarice Lispector, lançamos mão, justamente, daquela vivência particular de um contexto que somente um brasileiro pode ter. E não nos esqueçamos que “traduzir não é uma operação realizada sobre sentenças, estruturas linguísticas, mas sobre textos, que envolvem muito mais do que simples aspectos gramaticais” (BRITTO, 2016, p. 19-20).

Antes então de iniciarmos o nosso exercício, gostaríamos de ressaltar que decidimos não ler a tradução realizada por Roberto Francavilla, para que não houvesse influência na nossa.

2. Exercício de tradução

A fim de ilustrar os critérios utilizados na tradução de *Mineirinho* para o italiano, bem como as alterações e compensações introduzidas, apresentaremos, inseridos em tabelas e seguidas de comentários e considerações, o texto original, a nossa tradução e a tradução de Roberto Francavilla.

Como já foi mencionado na primeira seção, decidimos não ler a tradução já existente para nos resguardarmos de influências, mas também de dúvidas ou excitação em relação a certas escolhas, considerando que traduzir para uma língua não materna, ainda que a dominemos, não é uma prática usual, e muito menos se aprende em um curso universitário. Além do mais, ao fim da tradução para o italiano, pedimos que alguns italianos a lessem e dissessem em que passagens tiveram dificuldades por conta de algum vocábulo ou estrutura. Lembramos, porém, que a sintaxe de Clarice Lispector não é simples nem mesmo para um falante de língua portuguesa, justamente em função de estranhamentos suscitados pelo uso – digamos – intimista que a autora faz da língua portuguesa.

Texto original, tradução nossa e tradução de Roberto Francavilla

<i>Mineirinho</i> Português Autora: Clarice Lispector	<i>Mineirinho</i> Italiano Traduttrice: Claudia Lopes	<i>Mineirinho</i> Italiano Roberto Francavilla
É, suponho que é em mim, como um dos representantes do nós , que devo procurar por que está doendo a morte de um <i>facínora</i> .	È/Sì, suppongo che sia dentro di me, <i>come uno dei rappresentanti del noi</i> , che devo cercare il motivo per cui mi fa così male la morte di un <i>criminale</i> .	Sì, suppongo che sia dentro di me, <i>come uno dei nostri rappresentanti</i> , che devo cercare il motivo per cui fa male la morte di un <i>facinoroso</i> .

Tabela 1

Digamos que o primeiro tropeço, ou estranhamento, verifica-se já na primeira linha do primeiro parágrafo da crônica, quando deparamos com a seguinte frase: “É, suponho que é em mim, *como um dos representantes do nós*”, traduzido por Francavilla como segue: “Sì, suppongo che sia dentro di me, *come*

uno dei nostri rappresentanti”. Decidimos traduzir literalmente para o italiano, substantivando também o pronome pessoal “nós”, exatamente como fez a autora: “Sì, suppongo che sia dentro di me, *come uno dei rappresentanti del noi*”. Obviamente, a tradução de Francavilla é perfeita, e creio que, se quisesse, Clarice também teria escrito “como um dos nossos representantes”. Todavia, tal escolha não teria suscitado no leitor de língua portuguesa o incômodo necessário, que se estenderia até a última linha da crônica. E foi exatamente esse “inciampo” que tentamos transpor para a tradução italiana da crônica; de fato, os italianos que pedíamos que a lessem, sobretudo esse trecho, confessaram que tiveram a mesma sensação de tropeço que tivemos ao ler o original.

Em relação ao termo “facínora”, preferi traduzir por “criminale”, que é muito mais usado na língua italiana, em detrimento do termo “facinoroso”, usado por Francavilla, que somente a nível formal se aproxima do termo em língua portuguesa.

<i>Mineirinho</i> Português Autora: Clarice Lispector	<i>Mineirinho</i> Italiano Claudia Lopes	<i>Mineirinho</i> Italiano Roberto Francavilla
Por quê? No entanto, a primeira lei, a que protege corpo e vida insubstituíveis, <i>é a de que não matarás</i> . Ela é a minha maior garantia: assim não me matam, porque eu não quero morrer, e assim não me deixam matar, porque ter matado <i>será</i> a escuridão para mim.	Perché? Intanto, la prima legge, quella che protegge corpo e vita insostituibili, <i>è che non ucciderai</i> . È la mia maggior garanzia: così non mi uccidono, perché non voglio morire, e così non mi permettono <i>di uccidere</i> , perché aver ucciso <i>significherà</i> per me l'oscurità.	Perché? Intanto <i>per</i> la prima legge, quella che protegge corpo e vita, insostituibili, <i>la legge di chi non uccide</i> . È la mia maggior garanzia: così non mi uccidono, perché io non voglio morire, e così non mi permettono che io uccida, perché aver ucciso significa per me l'oscurità.

Tabela 2

A tradução desse trecho, como se nota, apresenta diferenças muito significativas em relação à tradução de Francavilla. A passagem que mais nos chamou a atenção é “No entanto, a primeira lei, a que protege corpo e vida insubstituíveis, *é a de que não matarás*”, em que “não matarás” é claramente uma alusão ao sexto mandamento, “não matarás”. A solução encontrada por Francavilla foi “Intanto *per* la prima legge, quella che protegge corpo e vita, insostituibili, *la legge di chi non uccide*”. No entanto, a nosso ver, a tradução proposta negligencia um pouco a essência principal da crônica: *Mineirinho*, que já tinha matado muita gente, foi assassinado por policiais que, como escreveu Clarice Lispector, poderiam ter dado um único tiro. No fundo, os 13 tiros significavam vontade de matar, contrariando, como podemos constatar, o sexto mandamento.

<i>Mineirinho</i> Português Autora: Clarice Lispector	<i>Mineirinho</i> Italiano Claudia Lopes	<i>Mineirinho</i> Italiano Roberto Francavilla
Esta é a lei. Mas há alguma coisa que, se me faz <i>ouvir</i> o primeiro e o segundo tiro com um alívio de segurança, no terceiro me deixa alerta, no quarto desassossegada, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com <i>o coração batendo de horror</i> , no nono e no décimo minha boca está trêmula, no décimo primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina — porque eu	Questa è la legge. Ma c'è qualcosa che, se mi fa avvertire il primo e il secondo sparo con un sollievo (del senso) di sicurezza, al terzo mi mette in stato di allerta, al quarto mi sento inquieta, il quinto e il sesto mi coprono di vergogna, il settimo e l'ottavo li ascolto <i>con il cuore pulsante di orrore</i> , al nono e al decimo la mia bocca trema, all'undicesimo pronuncio con stupore il nome di Dio, al dodicesimo chiamo mio fratello. Il tredicesimo sparo mi uccide — perché io sono l'altro. Perché io voglio essere l'altro.	Questa è la legge. Ma c'è qualcosa che, se mi fa udire il primo e il secondo sparo con il sollievo del senso di sicurezza, al terzo mi fa stare all'erta, al quarto mi inquieta, il quinto e il sesto mi ricoprono di vergogna, il settimo e l'ottavo li ascolto con un <i>orribile batticuore</i> , al nono e al decimo la mia bocca trema, all'undicesimo pronuncio spaventata il nome di Dio, al dodicesimo chiamo mio fratello. Il tredicesimo mi assassina — perché io sono l'altro. Perché io voglio essere l'altro.

Exercício de tradução do português para o italiano da crônica *Mineirinho*,
de Clarice Lispector
Cláudia Valéria Arantes Lopes

<p>sou o outro. Porque eu quero ser o outro.</p> <p>Essa justiça que vela meu sono, eu a repudio, humilhada por precisar dela. Enquanto isso durmo e falsamente me salvo. Nós, <i>os sonsos essenciais</i>.</p> <p>Para que minha casa funcione, exijo de mim como primeiro dever que eu seja <i>sonsa</i>, que eu não exerça a minha revolta e o meu amor, guardados. Se eu não for <i>sonsa</i>, minha casa estremece. Eu devo ter esquecido que embaixo da casa está o terreno, o chão onde nova casa poderia ser erguida. Enquanto isso dormimos e falsamente nos salvamos.</p>	<p>Questa giustizia che veglia sul mio sonno io la ripudio, umiliata per averne bisogno. Intanto, dormo e, falsamente, mi salvo. Noi, <i>i finti tonti essenziali</i>.</p> <p>Affinché la mia casa funzioni, esigo da me stessa, come primo dovere, che io sia <i>finta tonta</i>, che non eserciti la mia rivolta e il mio amore, custoditi. Se non farò la <i>finta tonta</i>, la mia casa tremerà. Devo essermi dimenticata che al di sotto della casa c'è il terreno, il suolo dove una nuova casa potrebbe essere eretta. Nel frattempo, dormiamo e, falsamente, ci salviamo.</p>	<p>Questa giustizia che veglia sul mio sonno io la ripudi, umiliata dal fatto di averne bisogno. E nel frattempo dormo e, falsamente, mi salvo. Noi, <i>gli ipocriti essenziali</i>.</p> <p>Perché mia casa funzioni, esigo da me stessa, come primo dovere, che io sia <i>ipocrita</i>, che io non eserciti la mia rabbia e il mio amore, ben custoditi. E se non sarò <i>ipocrita</i>, la mia casa tremerà. Devo essermi dimenticata che al di sotto della casa c'è la terra. Il suolo dove una nuova casa potrebbe venire eretta. E intanto dormiamo e, falsamente, ci salviamo.</p>
---	--	---

Tabela 3

Talvez as passagens em negrito tenham sido as que mais nos desafiaram: “eu ouço com *o coração batendo de horror*” e “*os sonsos essenciais*”. É notório que, quando alguém tem medo, sente o coração palpitar, bater mais forte, que seria traduzido em italiano, como de fato foi, por “*batticuore*”. Todavia, o coração, no contexto no qual se passaram os fatos abordados na crônica, pulsava de horror. Então, por que não traduzir “*con il cuore pulsante di orrore*”? De fato, os italianos que leram a tradução disseram que a estrutura é perfeitamente italiana e transmite a sensação de medo e estupor que sentiria alguém ao ouvir 13 tiros.

Em relação à expressão “sonsos essenciais”, traduzido por “ipocriti essenziali”, devemos confessar que passamos mais de uma semana tentando encontrar, na língua italiana, uma expressão que não só tivesse o mesmo significado, mas também que fosse usada no mesmo contexto em que a usamos na língua portuguesa. Logo, conversamos com vários amigos italianos e, sobretudo, com um que também é professor e fala português fluentemente, que, além do mais, fez a revisão da nossa tradução. Depois de muito ponderar e negociar, chegamos à conclusão de que a melhor solução era “finti tonti essenziali”; afinal, ser hipócrita pode ou não ser uma característica de quem é sonso.

<i>Mineirinho</i> Português Autora: Clarice Lispector	<i>Mineirinho</i> Italiano Claudia Lopes	<i>Mineirinho</i> Italiano Roberto Francavilla
Até que treze tiros nos acordam, e com horror digo tarde demais — vinte e oito anos depois que Mineirinho nasceu — <i>que ao homem acuado, que a esse não nos matem</i> . Porque sei que ele é o meu erro. E de uma vida inteira, por Deus, o que se salva às vezes é apenas o erro, e eu sei que não nos salvaremos enquanto nosso erro não <i>nos</i> for precioso.	Finché tredici spari non ci svegliano, e con orrore dico troppo tardi — a ventott’anni dalla nascita di Mineirinho — che <i>all'uomo messo alle strette, che a questo non ce lo uccidano</i> . Perché so che lui è il mio errore. E, per Dio, ciò che si salva di tutta una vita è, a volte, solo l’errore, e so che non ci salveremo finché il nostro errore non <i>ci</i> sarà prezioso.	Finché tredici spari non ci svegliano e, con orrore, chiedo troppo tardi — ventotto anni dopo che Mineirinho è nato — <i>che l'uomo che è indietreggiato non venga ucciso</i> . Perché so che lui è il mio errore. E, per Dio, a volte ciò che si salva di una vita intera è soltanto l’errore, e so che non ci salveremo finché il nostro errore non sarà prezioso.

Tabela 4

Quem já leu algum conto ou crônica de Clarice sabe que a leitura nunca é plana ou em mão única; muito pelo contrário, às vezes é necessário ler na contramão. Um exemplo disso é a passagem “Até que treze tiros nos acordam,

e com horror digo tarde demais — vinte e oito anos depois que Mineirinho nasceu – que ao homem acuado, que a esse não nos matem”, que nos emociona muito, não somente pela profundidade dos sentimentos que nela ecoam, somando a um claro senso de culpa, mas também pela construção, com um objeto direto preposicionado: “que ao homem acuado, que a esse homem não nos matem”. A sensação dada pelo objeto direto preposicionado é de que algo nos foi tirado, subtraído. É como se Clarice questionasse: “Quantas vezes não nos sentimos responsáveis ao ver crianças pelas ruas, vivendo desde cedo na criminalidade, como se fossem condenadas a um submundo e sem nenhuma chance de sair dele. Então, em que medida somos todos nós também responsáveis pela morte de Mineirinho?”

Obviamente, não foi um processo simples transportar toda essa comoção para a língua italiana, usando igualmente um objeto direto preposicionado. A solução a que chegamos foi a seguinte: “Finché tredici spari non ci svegliano, e con orrore dico troppo tardi – a ventott’anni dalla nascita di Mineirinho – *che all’uomo messo alle strette, che a questo non ce lo uccidano.*” Como se pode notar, a nossa solução é muito diferente da solução proposta por Roberto Francavilla “Finché tredici spari non ci svegliano e, con orrore, chiedo troppo tardi – ventotto anni dopo che Mineirinho è nato – *che l’uomo che è indietreggiato non venga ucciso.*” O tradutor optou por uma construção com a voz passiva, quando, no original cada palavra era ativa.

<i>Mineirinho</i> Português Autora: Clarice Lispector	<i>Mineirinho</i> Italiano Traduttrice: Claudia Lopes	<i>Mineirinho</i> Italiano Roberto Francavilla
Tudo o que nele foi violência é em nós furtivo, e um evita o olhar do outro para não correremos o risco de nos	Tutto ciò che in lui è stato violenza è in noi furtivo, e uno evita lo sguardo dell’altro e così non	Tutto ciò che in lui è stato violenza è in noi furtivo, ed evitiamo lo sguardo altrui per non correre il rischio di

Exercício de tradução do português para o italiano da crônica *Mineirinho*,
de Clarice Lispector
Cláudia Valéria Arantes Lopes

<p><i>entendermos</i>. Para que a casa não estremeça.</p> <p>A violência <i>rebutada</i> em Mineirinho que só outra mão de homem, a mão da esperança, <i>pousando</i> sobre sua cabeça aturdida e doente, <i>poderia aplacar e fazer com que seus olhos surpreendidos se erguessem e enfim se enchessem de lágrimas</i>.</p>	<p><i>rischiamo di capirci</i>. Affinché la casa non trema.</p> <p>La violenza <i>deflagrata</i> in Mineirinho che solo un'altra mano di uomo, la mano della speranza, <i>appoggiandosi/posandosi</i> sulla sua testa stordita e <i>malata/dolente</i>, <i>avrebbe potuto placare e far sì alzare i suoi occhi sorpresi e, infine, farli riempirsi di lacrime</i>.</p>	<p><i>comprenderci</i>. Perché la casa non tremi.</p> <p>La violenza <i>esplosa</i> in Mineirinho che solo un'altra mano di uomo, la mano della speranza, <i>posandosi</i> sulla sua testa stordita e dolente, <i>potrebbe placare, facendo sì che i suoi occhi sorpresi si riempiano finalmente di lacrime</i>.</p>
--	--	--

Tabela 5

No trecho aqui proposto, já no início, percebemos pontos de divergências muito significativos, como, por exemplo, em: “(...) *e um evita o olhar do outro para não correremos o risco de nos entendermos*”, traduzido por Francavilla como “(...) *ed evitiamo lo sguardo altrui per non correre il rischio di comprenderci?*”. A solução que encontramos, que nos parece mais condizente com o original, é a seguinte: “(...) *e uno evita lo sguardo dell'altro e così non rischiamo di capirci.*”

Um outro trecho que traduzimos de modo diverso, mas cujo efeito em italiano foi mais significativo, a nosso ver, é: “A violência *rebutada* em Mineirinho que só outra mão de homem, a mão da esperança, *pousando* sobre sua cabeça aturdida e doente, *poderia aplacar e fazer com que seus olhos surpreendidos se erguessem e enfim se enchessem de lágrimas*”. A frase “(...) *poderia aplacar e fazer com que seus olhos surpreendidos se erguessem e enfim se enchessem de lágrimas*”, que, na nossa tradução, ficou como segue: “(...) *avrebbe potuto placare e far sì alzare i suoi occhi sorpresi e, infine, farli riempirsi di lacrime.*”. Preferimos, como se vê, usar uma construção no “condizionale passato” (*avrebbe potuto*) para substituir o futuro do pretérito “poderia”, e o infinitivo para substituir o imperfeito do subjuntivo “se erguessem e se enchessem de lágrimas” (*e far sì alzare i suoi occhi sorpresi e,*

infine, farli riempirsi di lacrime). Francavilla, porém, preferiu usar o “condizionale presente” e o “congiuntivo presente” - “(...) *potrebbe placare, facendo sì che i suoi occhi sorpresi si riempiano finalmente di lacrime.*” -, solução que diverge muito do texto original.

<i>Mineirinho</i> Português Autora: Clarice Lispector	<i>Mineirinho</i> Italiano Traduttrice: Claudia Lopes	<i>Mineirinho</i> Italiano Roberto Francavilla
Foi fuzilado na <i>sua força</i> desorientada, <i>enquanto um deus fabricado no último instante abençoa às pressas a minha maldade organizada</i> e a minha justiça <i>estupidificada</i> .	È stato fucilato nella <i>sua forza disorientata</i> , mentre un dio fabbricato all'ultimo istante <i>benedice frettolosamente la mia malvagità organizzata</i> e la mia giustizia <i>stupidificata</i> .	È stato fucilato nella <i>sua ora</i> desorientata, mentre un dio fabbricato all'ultimo momento <i>benediceva in fretta la mia cattiveria organizzata</i> e la mia giustizia <i>instupidita</i> .

Tabela 6

Por fim, nesse pequeno parágrafo, chamamos a atenção para três aspectos: o primeiro é “sua força desorientada”, traduzido por Francavilla por “sua ora desorientata”. Devemos dizer que a escolha de “ora” para traduzir “força” é um pouco inusitada, razão pela qual temos a impressão de que não se trata de escolha, e sim de distração. O segundo aspecto é o período “*enquanto um deus fabricado no último instante abençoa às pressas a minha maldade organizada*”, colocado no presente, apesar de a primeira oração estar no pretérito. Na nossa tradução, preferimos deixar no presente, pois, mesmo no original, causa um certo descompensamento temporal, motivo pelo qual traduzimos por “*mentre un dio fabbricato all'ultimo istante benedice frettolosamente la mia malvagità organizzata*”. Francavilla, no entanto, traduziu o período em questão colocando-o no imperfeito, o que realmente é mais condizente com a primeira oração, mas não com original. Nesse caso também, se Clarice quisesse, teria usado o imperfeito. A nosso ver, o uso do presente não é casual, se pensarmos que é um tempo “atemporal”, ou seja, não passado e não futuro, sendo usado, exatamente por isso, também para

narrar fatos que aconteceram no passado, situação em que o chamamos de presente histórico, bem como para narrar fatos que ainda se verificarão no futuro.

Com referência à “minha justiça estupidificada”, mais precisamente com relação à palavra “estupidificada”, usada, nesse contexto, como adjetivo, decidimos traduzir por “stupidificata”, que é, praticamente, um neologismo, considerando que não encontramos essa palavra em nenhum dos dicionários italianos consultados. No *Google*, aparecem somente oito entradas para “stupidificato” e dezesseis para “stupidificare”. Francavilla preferiu usar “instupidita”, particípio passado derivado de uma variação arcaica do verbo “istupidire” (arc. instupidire).

Talvez a minha escolha tenha sido um pouco “ousada”, mas o efeito que suscitou nos italianos que leram o texto foi muito positivo e gratificante: dois leitores me disseram que apreciaram muito o uso “stupidificata” na tradução, pois dava a ideia não só de se estupificar a si próprio, mas também os outros. Essa experiência me faz pensar em uma passagem do texto de Paulo Henrique Britto, na qual ele faz referência a uma consideração de Lawrence Venuti (influyente teórico norte-americano) que propõe:

que os tradutores se façam visíveis, introduzindo nos textos que traduzem algumas passagens que surpreendam o leitor – por exemplo, um coloquialismo atual num texto do século XIX – para que o leitor perceba que o que está lendo é uma tradução e não um original (BRITTO, 2016, p. 23-24).

3. Conclusão

Não é necessário dizer que o exercício de tradução proposto apresenta alto nível de complexidade, sobretudo para um tradutor que não tenha um bom domínio da língua italiana. Desde o início da universidade, somos treinados a realizar traduções do italiano para o português, o que também nem sempre é simples. Certamente, a tradução da crônica *Mineirinho* exigiu não somente um

nível de conhecimento avançado da língua italiana (C2 no Quadro europeu Comum de Referência para as línguas), mas, sobretudo, conhecimento de uma realidade com a qual quase todos os brasileiros convivem diariamente. Quando assistimos, pela primeira vez, à entrevista em que Clarice Lispector é questionada sobre a crônica em causa, imaginamos o quanto seria complexo para um tradutor italiano traduzir *Mineirinho* sem ter a vivência que nós brasileiros temos de um contexto, infelizmente, tão violento, mas a nós tão familiar. Assim, pensamos que poderíamos enfrentar esse desafio, pois o nosso conhecimento de mundo e as nossas vivências nos ajudariam a resolver eventuais obstáculos ocasionados, certamente, pela sintaxe clariciana, bem como pelas circunstâncias que deram à luz essa crônica. Infelizmente, por questões de espaço, não podemos comentar aqui a íntegra da tradução, pois teríamos muito ainda a dizer sobre as nossas escolhas, confrontando-as com as de Roberto Francavilla. Em muitas passagens, para nossa grande surpresa, nossas soluções foram praticamente as mesmas encontradas por ele. Isso significa que, no fundo, é um mito a ideia de que um tradutor não possa traduzir para uma língua que não seja a sua língua materna. A nosso ver, não só pode, como muitas vezes, com toda a sua vivência de mundo, ou seja, do contexto extralinguístico, e conhecimento da própria língua, ele é que encontrará soluções, na língua estrangeira, mais próximas do texto original. Afinal de contas, a tarefa do tradutor é “produzir um texto T_1 que substitua um texto T , para que possa ser lido por pessoas que leem o idioma em que T_1 foi escrito, mas não o idioma em que T foi escrito. Deve haver, pois, uma determinada relação de *correspondência* entre T e T_1 , para que a leitura de T_1 possa ser considerada, até certo ponto e em muitas situações, como correspondendo a uma leitura de T , de tal modo que o leitor de T_1 possa dizer, sem faltar com a verdade, que leu T ” (BRITTO, 2016, p. 59). Logo, esperamos ter alcançado tal objetivo, propondo uma tradução, em língua italiana, com nuances que

correspondam, de algum modo, ao original, mas que dê ao leitor italiano a sensação de ter realmente lido a crônica *Mineirinho* em língua portuguesa.

Referências

BRITTO, Paulo Henriques. *A tradução literária*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

LISPECTOR, Clarice. *Tutti i racconti*, a cura de Roberto Francavilla. Milano: Feltrinelli, prima edizione digitale, 2019.

LISPECTOR, Clarice. *Todos os contos*, aos cuidados de Benjamin Moser. Rio de Janeiro: editora Rocco, edição digital, 2016.

ORTEGA Y GASSET, José. Miséria e esplendor da tradução. Tradução de Mara Gonzalez Bezerra. *Scientia Traductionis*, Florianópolis, n. 13, p. 5-48, 2013.

PANORAMA com Clarice, 01/02/1977. Disponível em link <https://www.youtube.com/watch?v=ohHP1l2EVnU>.